

DO PROJETO ABC DA BOLA PARA O E.C PELOTAS/LOBAS: CONSIDERAÇÕES SOBRE A FORMAÇÃO DE MULHERES FUTEBOLISTAS

JULIA FERREIRA PASSOS¹; JÚLIA MARTINEZ PEREIRA²; LUIZ CARLOS RIGO³

¹*Universidade Federal de Pelotas – jlpassos26@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – juliamartinezufpel@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas - rigoperine@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O futebol pode ser classificado como a modalidade esportiva mais popular no Brasil e no mundo. Ou, como definiu Julianotti (2002), “o esporte das multidões”. Isso faz dele uma possibilidade popular de sociabilidade e para alguns, uma possibilidade de carreira profissional (MARTINS, 2024). Todavia, a desigualdade de oportunidades entre homens e mulheres são visíveis também no futebol (SERVADIO, 2023). No futebol brasileiro, especificamente, essa desigualdade de oportunidade entre os sexos/gêneros foi agravada pelo longo tempo em que o futebol feminino foi uma prática proibida para as mulheres de todas as idades (1941-1983), (RIGO et. al. 2008; COSTA, 2016). Ademais, a proibição e a regulamentação tardia (1983), dificultaram o processo de profissionalização do futebol feminino (YAMAMOTO, 2024).

(NETO, 2015; SERVADIO; 2023) ressaltam a importância dos projetos sociais no acesso às práticas esportivas. Além disso, projetos sociais caracterizam-se como um espaço de desenvolvimento e formação esportiva, além de visar ser um espaço acolhedor para a prática da modalidade (YAMAMOTO, 2024).

PROJETO ABC DA BOLA

O projeto ABC da Bola teve início no ano de 2013 com a criação da Liga de Futebol Feminino Sul Brasileira. O polo da cidade de Pelotas foi inaugurado em agosto de 2024. Para a maioria das meninas, o projeto é o primeiro contato com o treino orientado na modalidade. O polo Pelotas possui uma parceria com o Esporte Clube Pelotas/Lobas, clube que a mais de três décadas vem formando futebolistas para o futebol feminino brasileiro.

Diante disto, o presente estudo tem como objetivos traçar um perfil das jovens do projeto ABC da Bola do polo de Pelotas e problematizar como algumas frequentadoras do projeto estão conseguindo se inserirem nas categorias de base do Esporte Clube Pelotas/Lobas.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo qualitativo exploratório que envolve duas etapas. Em um primeiro momento foi aplicado um questionário entre as meninas que fazem parte do projeto ABC da Bola do Polo Pelotas. Esse questionário foi utilizado para traçar um diagnóstico do perfil das participantes do projeto.

O segundo momento do estudo envolve problematizar as possibilidades das jovens do Projeto ABC da Bola serem inseridas no EC Pelotas/Lobas. Para a segunda etapa da pesquisa os critérios de inclusão foram: meninas que atuavam no projeto ABC da Bola/Polo Pelotas que ingressaram no do E.C Pelotas/Lobas. Desse modo, a segunda etapa do estudo será constituída pela realização de entrevistas semiestruturadas com as 6 meninas do ABC da Bola que, até o momento, ingressaram no E. C. Pelotas/Lobas.

Até esse momento da pesquisa foi realizada uma entrevista semiestruturada com uma dessas jogadoras que ingressou na categoria sub 15 do E.C Pelotas/Lobas. O contato com a participante ocorreu no local de treino e a entrevista semiestruturada ocorreu na Escola Superior de Educação Física, local escolhido pela atleta, visto que esta também atua no projeto de rugby da universidade, o Vem Ser Rugby.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da aplicação de um questionário identificamos algumas características de 33 meninas do projeto. A média de idade, dessas 33 meninas foi de 12,6 anos. 71,7% delas se consideram da raça branca, 18,2% negras e 9,1% pardas. 81,8% estudam em escola pública (11 escolas diferentes) e 18,2% em escolas privadas (4 escolas diferentes). Elas residem em diferentes regiões da cidade, 62,5% são de bairros próximos ao local em que ocorrem os treinos e 37,5% de bairros mais afastados.

A média da renda familiar das alunas que responderam o questionário foi de R\$3.222,00. Entre as ocupações profissionais dos pais ou responsáveis foram listadas as seguintes profissões: autônomo, dona de casa, motorista, serviços gerais, mecânico, açougueiro, administradora, atendente de padaria, auxiliar de transporte, balconista, comercial, contadora, costureira, cuidadora, educador físico, engenheira química, farmacêutica, pedreiro, professora, promotora de eventos, recepcionista, representante comercial, secadorista, segurança, técnica em radiologia e veterinário.

A desigualdade de oportunidades entre homens e mulheres são visíveis no futebol (SERVADIO, 2023). Esta desigualdade foi agravada em decorrência ao longo tempo em que o futebol feminino foi proibido para mulheres (RIGO et al., 2008; COSTA, 2016), através do Decreto-lei 3.199, o qual afirmava em seu artigo 54 que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país” (FRANZINI, 2005).

Somado ao preconceito acentuado pela proibição, a regulamentação tardia (1983) dificultou o processo de profissionalização do futebol feminino (YAMAMOTO, 2024). As dificuldades culturais e materiais persistiram, de forma que nem mesmo as conquistas da seleção brasileira nas Olimpíadas de Atlanta (1996) e de Sydney (2000) e na Copa do Mundo de 1999 bastaram para fixar uma estrutura para o futebol feminino (FRANZINI, 2005). Isto pode ser evidenciado através de aspectos como apoio familiar para a prática da modalidade.

Sobre o apoio familiar, nossa entrevistada, ressaltou que sua mãe foi contra a prática de futebol: “ela falava para mim que o futebol não dava vida, nem o rugby, eu só peguei e ignorei”, já o pai da atleta insinuou que não a auxiliaria financeiramente para que esta praticasse a modalidade devido ao fato de ser torcedor do time rival. Situações como esta são evidenciadas por Knijnik & Vasconcellos (2003).

Nossa entrevistada também comentou que sua família passou a apoiá-la apenas após esta ingressar no E.C Pelotas/Lobas “agora o resto da minha família está apoiando, mas antes ninguém acreditava. NASCIMENTO & ROCHA (2021), evidenciam que a influência familiar é um fator que pode levar a pessoa a alguma prática esportiva, neste caso, o futebol.

Os mesmos autores comentam que o futebol ainda é cercado por preconceito (NASCIMENTO & ROCHA, 2021). Algo destacado pela nossa entrevistada,

segundo ela no recreio da escola ela não podia jogar porque “os guris são tudo homofóbicos”, “tinha que ser loira”, “não sabe jogar futebol”, e completou: “eles devem achar que nós gurias não jogamos nada”.

Nesse cenário os projetos sociais se destacam como oportunidades de acesso às práticas esportivas (NETO, 2015; SERVADIO, 2023). Como é o caso do projeto ABC da Bola/Polo Pelotas em que evidencia 81,8% das participantes são oriundas de escolas públicas.

O futebol pode ser considerado um acontecimento socializante (NASCIMENTO & ROCHA, 2021) e os projetos esportivos configuram-se como um espaço para a sociabilidade principal através de práticas lúdicas (STIGGER & THOMASSIM, 2013), como destacou nossa entrevistada ao relatar que o projeto propiciou “interagir com as pessoas também, que eu não era muito, agora estou interagindo mais”.

Os projetos sociais também podem caracterizar-se como geradores de oportunidades para meninas no futebol, através de parcerias entre projetos e clubes (NETO, 2015; YAMAMOTO, 2024). No ABC da Bola/Polo Pelotas isso acontece pela parceria que o projeto tem com o E.C Pelotas/Lobas, parceria que foi possível pelo fato do coordenador do projeto (Marcos Planella) também ser o coordenador do E. C. Pelotas/Lobas. Até o momento seis participantes do ABC da Bola/Polo Pelotas ingressarem no E.C Pelotas/Lobas. Esse tipo de parceria pode ser observada em outros contextos, como, por exemplo, no projeto “Em Busca do Impossível (EBI)”, que estabeleceu parcerias com clubes paulistas para disputa de campeonatos da federação (YAMAMOTO, 2024).

Sobre a importância que o Projeto ABC da Bola tem para abrir portas para futuras futebolistas que querem ingressar no E.C Pelotas/Lobas para ter maiores possibilidades para seguir uma carreira esportiva, nossa entrevistada, relatou a importância de ter um contato mais frequente com o coordenador do projeto: “no primeiro teste que eu fui fazer ali no lobão era muita gente assim, então ele quase não olhava para todas”. No entanto, “no ABC, depois que ele apareceu lá eu vi que a gente se aproximou bastante, ele ficava me olhando em todos os treinos”. Ou seja, ser observado em um contexto em que ela está mais habituada, e não apenas em um dia de teste, foi determinante para que ela conseguisse ingressar em clube de formação de jogadoras. Outro aspecto citado pela entrevistada foi seu aprimoramento técnico: “tem algumas coisas ali que eu errava, agora eu estou acertando bastante”.

4. CONCLUSÕES

A pesquisa também apontou que a parceria existente entre o Projeto ABC da Bola/Polo Pelotas e o E.C Pelotas/Lobas tem possibilitado que algumas jovens do projeto pudessem ingressar em um clube de formação futebolística, inclusive com a possibilidade de construir uma carreira esportiva no futebol. Até o momento seis jovens do projeto foram incluídas nas categorias de formação do E.C Pelotas/Lobas.

Apesar desse não ser esse o objetivo principal do projeto ABC da Bola, essa particularidade do Polo de Pelotas do projeto merece um destaque maior se observamos que diferente do que ocorre com os jovens do sexo masculino, as oportunidades das jovens jogadoras ingressarem em algum clube visando uma formação futebolistas objetivando a construção de uma carreira no esporte são muito escassas. Mais difícil ainda são as oportunidades existentes para aquelas jovens que residam em cidades do interior, pois a grande maioria dos clubes do

interior do Rio Grande do Sul não possuem políticas clubistas de formação para o futebol feminino.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, M. Perspectivas para o futebol feminino: um estudo a partir do Pelotas/Phoenix. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, São Paulo, v.8, n.31, p.379-386, dez. 2016.

FRANZINI, F. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, out. 2005.

GIULIANOTTI, R. Sociologia do Futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. Nº 2. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

KNIJNIK, J; VASCONCELLOS, E. Sem Impedimento: O coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil. Com a cabeça na ponta da chuteira. São Paulo, Annablume. 2003.

Liga de Futebol Feminino Sul Brasileira. ABC da Bola. Porto Alegre, 2023. Disponível em: <https://www.lffsb.com.br/abc-da-bola>. Acesso em: 21 janeiro. 2025.

MARTINS, M; FURTADO, S; GOMES, E. Negociar feminilidades e pertencimentos por meio do futebol: fluxos, fronteiras e na prática esportiva comunitária de mulheres. *Revista Internacional Interdisciplinar*, Vitória, v.21, p.01-10, set. 2024.

NASCIMENTO, A; ROCHA, F. A inserção da mulher no futebol. *Mosaico - Revista Multidisciplinar de Humanidades*, Vassouras, v. 12, n.2, p. 69-77, ago. 2021.

NETO, E; DANTAS, M; MAIA, E. Benefícios dos projetos sociais esportivos em crianças e adolescentes. *Saúde & Transformação Social*, Florianópolis, v.6, n.3, p.109-117, mai. 2015.

RIGO, LC. et al. Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v.9, n. 3, p. 173-188, mai. 2008.

SERVADIO, N; ALTMANN, H. Pertencimento de mulheres no futebol: estudo de caso do projeto Futebol Feminino Campinas/SP. FuLIA/UFMG, Campinas, v.8, n.3, p. 82-116, dez. 2023.

STIGGER, M; THOMASSIM, L. Entre o “serve” e o “significa”: uma análise sobre expectativas atribuídas ao esporte em projetos sociais. *Licere*, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 01-33, jun. 2013.

YAMAMOTO, Débora C. Entre treinadoras e atletas, sexualidade e geração em times de formação no futebol praticado por mulheres. Trabalho apresentado na 34^a Reunião Brasileira de Antropologia, 2024.

Entrevista realizada com a atleta Estefany Lima Gregório, no dia 11 de julho, 2025.